

**A LINGUAGEM DE JOELMIR BETING –  
EFEITOS DE ESTILO NA INSERÇÃO DE EXPRESSÕES  
POPULARES NO PORTUGUÊS TÉCNICO DO JORNALISTA**

*Sylvia Jorge de Almeida Martins\**

Divulgadas pelos mais diferentes canais – televisão, cinema, imprensa, rádio, internet, telefone, telégrafo, cartazes de propaganda, música – mensagens de todo tipo, estruturadas numa determinada língua, permitem a comunicação tão importante na vida social do homem.

Como alicerce de uma dinâmica social, a língua envolve não só os relacionamentos diários entre os membros de uma comunidade, como também as atividades intelectuais, técnicas, artísticas, culturais. É pela língua que indivíduo e sociedade interagem (PRETTI, 1977, p.2).

E, embora resguarde o seu caráter social, a sua uniformidade, a língua não deixa de manifestar sua diversidade, os diferentes registros e níveis a que está sujeita pelos diferentes fatores extralingüísticos que se sobrepõem à norma comum. Diferenças geográficas, históricas, sociais, contextuais marcam as variações de linguagem.

Charles Bally (1962, p.10) ressalta a força, a influência do meio num tipo especial de expressão. É assim que até o assunto, o tipo de ouvinte, o espaço em que o diálogo ocorre, as relações entre os interlocutores devem ser considerados como determinadores das diferenças de linguagem. O falante consciente e habilidoso tenta adequar a sua fala às finalidades específicas de uma certa situação, às necessidades momentâneas da sua atuação lingüística. Jespersen, apud Pretti (1977, p.11) entende que a linguagem assume coloração própria a cada situação de fala.

Pensamos muito nisso quando tentamos analisar a linguagem de Joelmir Beting nos seus comentários jornalísticos sobre a economia brasileira. Embora a condição de analista econômico atue firmemente no vocabulário específico desse profissional, Joelmir Beting parece ter criado um estilo muito seu.

Entendemos estilo tal como Norma Discini (2003, p.36), “um efeito de sentido, uma construção do discurso”.

Estudando os textos do economista, notamos, por entre a linguagem técnica comum da economia, marcas que singularizam a totalidade dos seus discursos. Regularidades como as metáforas, às vezes alegorias inteiras da linguagem futebolística, ou marítima, ou outra são mais familiares ao leitor comum – como é o leitor de jornais –; expressões populares, jogo de antíteses, a marcar definições extremadas na determinação de aspectos vigentes da economia brasileira, são traços, são singularidades que nos chamam a atenção no português de Joelmir.

A maneira de atuação desse enunciador, no momento da produção de seu discurso, difere normalmente de outros jornalistas de economia. Há uma intenção do autor na escolha de determinadas expressões. Ele busca o expressivo em oposição ao não-expressivo da linguagem técnica, que é o seu campo de atuação. Trabalha o vocabulário para obter o efeito que tenciona.

Podemos visualizar isso na análise de alguns de seus textos.

---

\* IMES/FAFICA- Catanduva, São Paulo

Nosso corpus – hoje limitado pela natureza deste artigo – são textos extraídos de Perfil (pela Internet), como: “Da Ficção Cambial”; “À Direita da Vírgula”; “Mal desnecessário”; “A Pátria não pode ser exibida”.

Em “Da Ficção Cambial”, por exemplo, se temos, de início, um parágrafo todo especificamente voltado para a linguagem técnica da economia: “O mercado financeiro projeta dólar a R\$3,10 para o último dia útil de 2004 e para R\$3,30 lá pelo natal de 2005. A taxa média do período tende a se contentar com R\$3,01 no ano que começa e com R\$3,19 na travessia do ano que vem”, onde só um verbo - “contentar-se” – aí uma prosopopéia- dá vida à taxa do dólar; já no 2º parágrafo encontramos, a destoar do “economês”, a expressão popular “não é bravata de bola de cristal”. Essa expressão, que predica o sujeito “as médias quebradas à direita da vírgula”, aparece destoando da natureza da linguagem que iniciou a frase, em completo desacordo com as características que possam marcar um português voltado para uma análise de economia. O texto continua assim: “Trata-se da média das previsões emitidas, sexta-feira, 16, por uma antevisão coletiva de 104 bancas e 17 consultorias financeiras” – outra vez num tom formal e específico do campo a que se refere.

Na verdade, Joelmir Beting afirma o que diz – abalizado por entidades de autoridade e respeito no campo das finanças – negando que sua afirmação possa ser vista como uma fanfarrice, uma intimidação arrogante, uma previsão infundada qual a de adivinhos apoiados em bolas de cristal, recurso de aproveitadores da ingenuidade humana. Vai de um extremo a outro para, no seu exagero consciente, firmar, com maior ênfase, o que deve soar persuasivo. Marca, com isso, a sua autoridade.

Na parte do texto subtitulada “Volatilidade”, também temos um início como:

“Bem, do meu canto de parteira curiosa, prefiro deixar o câmbio flutuando à derivada em alto mar. Ao sabor dos ventos do mercado e das ondas do governo” – no qual observamos, além da primeira expressão grifada, algumas metáforas, também marcadas por nós, chegadas à linguagem marítima “ao sabor dos ventos e (ao sabor) das ondas”, numa alegoria que se harmoniza bem com a flutuação do mercado.

No início da frase, o comentarista chega a depreciar o seu próprio conhecimento do assunto quando se posiciona: “do meu canto de parteira curiosa”, como se apenas tentasse dar conta de situações que não domina, como se fora um leigo, comparando-se a essa profissional enxada nos casos de urgência ou de pouco saber.

Parece-nos mais um recurso de quem tenta fazer-se próximo e simpático àquele que lê economia sem ser economista, de quem recorre a esse articulista, pois que sabe ser ele o seu melhor intermediário.

São recursos que se casam com a linguagem do dia-a-dia do homem comum, independentes do seu domínio no assunto.

Assim, vamos observando, em outros textos, realizações curiosas de termos populares em meio a outros essencialmente técnicos, a produzirem, pois, efeitos de sentido que, no mínimo, conquistem a simpatia do leitor comum para os escritos de Joelmir Beting. A colocação do popular lado a lado com o formal, com o técnico, logra efeitos de sentido que vão marcando a linguagem do economista, vão imprimindo a ela traços singulares.

Temos, por exemplo, em “À Direita da Vírgula”:

“...o Copom deixou-se ficar outra vez refém do fantasma da inflação de demanda que estaria amoitada em uma eventual farra de crédito” (1º parágrafo de “Fantasmologia”).

“Piada de humor negro. Pelo lado da demanda, a atividade econômica continua atolada no brejo seco da estagnação... A reposição do poder de compra da ninguenzada”. (2º parágrafo de “Fantasmologia”) – expressões populares, por nós grifadas, carregadas de afetividade como

“estaria amoitada”, “farra de crédito”, “atolada no brejo seco da estagnação” – esta última, uma metáfora a aproximar “atividade econômica” de algo que não caminha por estar preso a um terreno impróprio para sua produtividade, que resta imóvel, sem possibilidade de desenvolvimento.

O termo “ninguenzada” – coletivo depreciativo de “ninguéns”, com o sufixo zada, é outro meio de que se vale o escritor para tocar mais de perto o leitor curioso, para atingi-lo com o exagero afetivo.

Ainda nesse artigo, em “Retranca Cega”, ocorrem, assinaladas por nós com um grifo:

“No recheio do sanduíche monetário, um PIB pastando 0,2% nos últimos 12 meses...se o Copom continuar jogando na retranca criogênica” (2º parágrafo), expressões metafóricas que concretizam uma definição mais abstrata dentro da área econômica: PIB “pastando”, ou seja, qual um animal de comportamento irracional, alimentando-se de apenas 0,2%, sem maiores rendas; “recheio do sanduíche monetário”, como se os frutos, os resultados da moeda pudessem ser vistos como conteúdo de algo a ser ingerido; “jogando na retranca criogênica”, como se o órgão Copom fosse um time atuando apenas na defensiva, de baixas temperaturas, ou melhor, sem ardor.

Sabemos que a metáfora, numa tentativa de aproximar termos que apresentam semas comuns, logra um efeito expressivo e facilita por vezes o entendimento, na figurativização de conceitos mais abstratos.

Joelmir Beting faz isso com extrema facilidade.

No mesmo artigo, ele intitula parte de seu texto com “E agora, José?”, nome de um conhecido poema de Drummond, para depois apelar enfaticamente aos “donos” da Economia Brasileira: “E agora, José Alencar, José Dirceu, José Genuíno?”.

São alusões provocadoras, que encontram eco no espírito do brasileiro mais comum e despertam o seu interesse e o seu prazer na leitura “betiniana”.

Em “Mal desnecessário”, o texto se sobrecarrega de metáforas e afetividade:

“Quem diria?... o mega investidor George Soros, filósofo nos dias ímpares e filantropo nos dias pares, vociferou pela “Financial Times” que, se eleito, Lula vai quebrar o Brasil, rasgar contratos e aplicar calote em meio mundo.

Soros ajudou a embrutecer o risco Brasil, a rebaixar o C-Bond, a zerar o crédito externo, a explodir o câmbio, a disparar os juros, a encarecer as dívidas interna e externa, a reatiçar a inflação, a rebaixar os salários, a reduzir os empregos, a perpetuar a estagnação econômica de 2003, de 2004, de 2005...”

E, no final desse mesmo texto, com o subtítulo “Lei de Newton”:

“Emprego travado, salário depenado, crédito salgado, imposto elevado...”.

Ou seja: “famílias, empresas e negócios terão de erguer-se do chão puxando os próprios cabelos”. Verbos carregados de afetividade marcam aí a fala de Joelmir, como vociferou; quebrar o Brasil; rasgar; aplicar calote; embrutecer; rebaixar; zerar; explodir o câmbio; disparar; reatiçar a inflação. Também a rima, no exagero metafórico de “emprego travado; salário depenado; crédito salgado”, faz prolongar-se o ressonância das impressões que o redator quer causar, culminando com a hipérbole: “famílias, empresas e negócios terão de erguer-se do chão puxando os próprios cabelos”, como se esses elementos, em especial- empresas e negócios tivessem cabelos para puxar, num gesto de desespero incontido.

Em “Parto de Montanha”, com o subtítulo de “A Pátria não pode ser exibida”, Joelmir Beting chega a se valer da expressão popular “Que bicho é esse?”, no meio de todo este parágrafo de linguagem técnica:

“A pesquisa revela que 67,8% dos empresários acreditam no cacife político do presidente George W. Bush para obter do Congresso o tal de “fast track”. Que bicho é esse? Expediente de via rápida para a assinatura presidencial de acordos e tratados externos de comércio...”

Nesse mesmo texto, no parágrafo seguinte, o economista apela para as expressões “deixar de torcer o nariz” e “fazer beicinho”, para reproduzir o comportamento do Brasil, à frente do Mercosul, para a Alca de 2003 e de 2005, numa crítica a um tipo de atuação mimada e infantil.

Às vezes o jornalista registra antíteses fortes como: “Acertam os Estados Unidos” em exigir identificação de estrangeiros no desembarque de portos, aeroportos e aduanas...

Erram os Estados Unidos em dispensar desse constrangimento... um seletto clube de outros 27 países...”

Isso ocorre em “Vingança pela Culatra”, no 1º e 2º parágrafos desse texto, no qual, ainda mais abaixo, no penúltimo parágrafo, outra frase, como “Feitas de muita malícia e pouca perícia”, de novo se vale de expressivo contraste nessa antítese rimada.

Esses recursos todos colaboram para uma certa empatia do leitor com o escritor de um assunto que é marcadamente técnico.

Um estilo betiniano vai-se impondo pelos traços singulares que perpassam a linguagem do economista, pelos efeitos de estilo que logram.

Acreditamos que o pouco que nos coube aqui registrar chega a dar uma idéia das peculiaridades de estilo desse jornalista. Mais poderíamos ver noutra oportunidade de expressão, pela abundância de marcas que o “economês” de Joelmir Beting nos permite visualizar.

## REFERÊNCIAS

- BALLY, Charles. **Traité de Stylistique Française**. Genebra, Livraria George & Cia, 1962.  
DISCINI, Norma. **O Estilo nos textos**. São Paulo: Contexto, 2003.  
PRETI, Dino. **A Gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984.  
PRETI, Dino. **Sociolingüística – os níveis da fala**. São Paulo: Nacional, 1977.